



Livro-reportagem: Entre o jornalismo e a literatura¹

Renata Roxo N. Martins²
UniverCidade - Centro Universitário da Cidade

RESUMO

Este trabalho se propõe a descobrir e analisar o que é um livro-reportagem. Quais são suas definições? Qual é a sua história? Que lugar ocupa no universo jornalístico e onde se encaixa dentro da literatura? Falaremos sobre as discussões teóricas que o envolvem. Terminaremos analisando um livro-reportagem propriamente dito, usando as definições de livro-reportagem e jornalismo literário, dadas por dois autores trabalhados: Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena. Para este fim, usaremos o livro *Rota 66 - A história da polícia que mata*, do jornalista Caco Barcellos, ganhador do Prêmio Jabuti de 1993 na categoria Livro do Ano de Não-Ficção, de oito prêmios de direitos humanos e escolhido por pertencer a um dos gêneros mais conhecidos no Brasil: o livro-reportagem-denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: livro-reportagem, jornalismo, literatura.

O livro-reportagem vem ocupando cada vez mais espaço dentro do mercado editorial e das prateleiras do consumidor, além de atrair, cada vez mais, o interesse dos jornalistas que buscam um espaço mais flexível para contar suas histórias.

A proposta deste trabalho é descobrir, destrinchar, a natureza deste veículo de comunicação.

No primeiro capítulo, vamos situar os livros-reportagem dentro do universo jornalístico. Começaremos entendendo o que dá origem a estes livros: a reportagem. O que ela é e quais foram os fatores que fizeram com que ela encontrasse um lugar de destaque dentro das páginas dos livros.

Em seguida, passaremos aos livros-reportagem propriamente ditos.

Aqui, vamos procurar defini-los, falar um pouco sobre os principais tipos existentes, contar um pouco de sua história – que começa há mais de cento e cinquenta anos atrás – mundo afora, com um subitem especialmente dedicado a este aspecto no Brasil, citando alguns dos principais escritores do gênero e obras mais importantes.

¹ O presente artigo traz um esboço dos resultados da Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Cidade, como requisito parcial ao título de Bacharel em jornalismo, sob a orientação da Professora Doutora Joëlle Rouchou, em julho de 2010 e aprovada pela banca examinadora com nota 10,0. Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário da Cidade.



No segundo capítulo, vamos situá-los dentro do universo literário.

Tratar da questão de saber se estes livros podem ser classificados ou não como literatura. Ainda que sejam impressos, sejam vendidos em livrarias e ganhem prêmios, também há bem mais de um século, são personagens de uma acalorada discussão entre teóricos, escritores de ficção e os próprios jornalistas sobre a que gênero pertenceriam e quais seriam os benefícios e malefícios da atividade jornalística para a literatura.

Passaremos pela pesquisa de João do Rio, que perguntava: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”, que, por sua vez, deu origem à outra pesquisa, cem anos depois, da Doutora em cultura e comunicação pela UFRJ, Cristiane Costa, com praticamente os mesmos resultados.

Falaremos sobre como esta complicada relação é vista nos dias de hoje e da criação de um novo gênero literário, que os abrigaria, o Jornalismo Literário e alguns de seus subgêneros.

Com base nestes dois primeiros capítulos e tudo o que será dito neles, no terceiro capítulo, partiremos para a análise de um livro-reportagem propriamente dito, dentro dos parâmetros já estabelecidos até aqui, essenciais a um livro-reportagem, e ao Jornalismo Literário, de acordo com a definição de dois dos autores utilizados ao longo do trabalho: o cofundador e vice presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e maior estudioso do assunto no país, Edvaldo Pereira Lima, e do jornalista, romancista e professor de Pós Graduação em Comunicação da UFF, Felipe Pena.

O título escolhido para este fim foi *Rota 66 – A história da polícia que mata*, do jornalista Caco Barcellos. Ganhador de diversos prêmios, foi escolhido por pertencer a um dos gêneros mais conhecidos no Brasil: o livro-reportagem-denúncia.

1 - O que é um livro reportagem?

1.1 – A reportagem

De acordo com as definições encontradas no Dicionário de Comunicação e do *Manual de Redação e Estilo* do jornal *O Globo*, uma reportagem nasce como qualquer outra notícia – através de uma pauta. E esta pauta pode ou não ser factual e envolve um trabalho de pesquisa, apuração e publicação maiores do que uma simples notícia regular.



Seria parte do que se conhece como jornalismo narrativo, que não se contenta com a relação simplista de causa e efeito (LIMA, E.P., 2009: 21.) e explica o assunto em todos os seus pormenores.

Em tempos onde o jornalismo, enfrenta crises econômicas e de identidade que toda a mídia impressa enfrenta, abriu-se caminho para que uma nova forma de mídia se apresentasse ao público leitor, que busca e se interessa por um aprofundamento maior de um assunto.

(...) os jornais perderam em parte essa imagem de informar mais e melhor. (...) a própria mídia limita o campo de trabalho do jornalista, o conjunto de fatores por outro lado proporciona a abertura de novas oportunidades no campo de informação com densidade. A principal delas tem sido o livro-reportagem. (BELO, E., 2006:40)

1.2. – O livro-reportagem

Ainda que venha ganhando cada vez mais espaço nas prateleiras tanto das livrarias, quanto do consumidor, uma definição formal do conceito de livro-reportagem ainda não pode ser encontrada.

Eduardo Belo, jornalista e autor de *Livro-reportagem*, dará uma definição:

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que o livro reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades de experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, E. 2006:41)

Uma maior compreensão sobre o objeto e como ele pode ser definido, é explorada por Edvaldo Pereira Lima, da Escola de Comunicação e Artes da USP, Co-fundador e Vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e maior estudioso do assunto no país, em seu livro *Páginas Ampliadas – O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*³, que sugere uma série de aspectos a serem levados em conta na tentativa de estabelecer uma definição correta para o livro reportagem considerando fatores chave como sua função, seu contexto, sua dinâmica e sua temporalidade.

³ Editora Manole, SP, 2009.



Para definir o contexto de um livro-reportagem, o autor baseia-se no conceito de livro⁴, e afirma que o livro-reportagem poderia se distinguir dos demais livros devido a três fatores: seu conteúdo, seu tratamento e sua função.

O conteúdo diria respeito ao real, ao factual, onde a verossimilhança é essencial.

Entenda-se aí o real tanto como a ocorrência social já (...) quanto uma situação mais ou menos perene, uma questão, ou uma idéia vigente, refletindo um estado das coisas, mas que não corresponde necessariamente a um acontecimento central. (LIMA, E. P., 2009: 27)

O tratamento compreenderia a linguagem, montagem e edição de texto de caráter eminentemente jornalístico, ou seja, o livro-reportagem traz sempre elementos verbais e visuais particularidades específicas do jornalismo – do início ao fim.

Já a função seria ter como objetivo informar, orientar ou explicar algum assunto a alguém, da mesma forma que no jornalismo impresso, porém de maneira mais extensiva a fim de defender questões, procurar causas e conseqüências, reconstituir uma história, investigar uma denúncia, de acordo com o assunto que o escritor (quase sempre um jornalista, mas não necessariamente) determinar como seu objeto de abordagem.

1.3. - Tipos de livros reportagem

Mesmo já sendo categorizado e diferenciado de um livro “normal”, Edvaldo Pereira Lima sugere que os livros-reportagem ainda possam receber diferentes classificações entre si atualmente, estabelecidas de acordo com seu objetivo particular ou a natureza do tema que é tratado neles, em 13 diferentes grupos. O autor, porém, assinala que:

A classificação proposta não pode ser considerada final, porque novas variedades podem surgir, em decorrência da flexibilidade e da criatividade peculiares ao livro-reportagem. Tampouco pode ser entendida como uma camisa-de-força que se impõe à realidade. Na prática é possível que títulos se enquadrem simultaneamente em mais de uma classificação. As modalidades mesclam-se, combinam-se, muitas vezes. O esforço é o de sistematizar uma classificação que elucide o alcance do campo do livro-reportagem, não mais que isso. (LIMA, E.P., 2009: 59)

⁴ “Publicação não periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares. Distingue-se do folheto por possuir maior número de páginas: segundo as normas da Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas.” – RABAÇA, C.A. e BARBOSA, G. *Apud* LIMA, E. P., 2009: 26.



Com base nas categorias propostas, as mais conhecidas e comuns são o livro reportagem-perfil ou reportagem biográfica e o livro-reportagem-denúncia, sendo este último o estudo de caso deste trabalho.

1.4. – Um pouco de história

Nascem no início do século XX o que são considerados os primeiros livros-reportagem: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Dez dias que abalaram o mundo*⁵, de John Reed. A história dos livros reportagem passa por um hiato de longos anos e só passa a reviver a partir de *Hiroshima*, de John Hersey.

Mais alguns anos se passam e a produção dos livros reportagem só toma novo impulso e “dá novas crias” com os jornalistas rebeldes do *New Journalism*, que insistiam em usar uma linguagem mais próxima da literatura em uma espécie de “voto de protesto” contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida (BELO, E. 2006: 24).

O que lhes conferia um traço em comum era o fato de todos considerarem o jornal como um motel onde se passa a noite em sua jornada a caminho do triunfo final. O objetivo era conseguir emprego em um jornal, permanecer íntegro, pagar o aluguel, conhecer "o mundo", acumular "experiência", talvez polir alguma imperfeição do seu estilo... Logo, em um momento, deixar o emprego sem vacilar, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma casinha em qualquer lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final só poderia se chamar O Romance.⁶

1.4.1 – Transformando papel jornal em papel pólen no Brasil

O primeiro empurrão para a produção de livros-reportagem no Brasil, veio com o nascimento, em 1965, da revista *Realidade* (LIMA, E.P., 2009:223), que trouxe uma proposta editorial que revolucionária para o jornalismo impresso, e criou um estilo próprio de fazer jornalismo aonde o mais importante do texto era a emoção, a expressão que o profissional que o escrevia emprestava ao resultado final.

Nasce o reportagem-conto, que usa o conto como modelo estrutural filiado ao neo-realismo (COSSON, R., 2001: 24). Personagens populares, anti-heróis; temas ligados ao

⁵ Publicado em 1919, conta a história da Revolução Russa de 1917, e tornou o autor uma celebridade literária.

⁶ WOLFE, T *Apud* CZARNOBAI, A. F. P. , disponível em <http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo02.html> acessado em 15/11/2009.



cotidiano de gente humilde; e, sobretudo, numa visão paternalista e idealizada das classes opimidas. (SODRÉ, M. e FERRARI, M. H. *Apud* COSSON, R., 2001: 24)

Os primeiros livros-reportagem saídos de uma redação, porém, seriam oriundos de repórteres⁷ d’o *Jornal da Tarde*, periódico paulista que firmava duas tendências de forma, a excelência da linguagem plástica e a criatividade literária, além da busca pela interpretação dos fatos apresentados, quase todos publicados pela editora Alfa-Omega.

Contrária ao regime militar e entendendo que deveria auxiliar a transformação social, apoiando “incondicionalmente o pensamento progressista brasileiro” (LIMA, E. P., 2009: 241), a editora, que começou publicando teses acadêmicas, resolveu abrir caminho para o livro-reportagem quando esta fonte veio a se esgotar. Fernando Mangarielo foi o fundador da e editor da editora.

O primeiro lançamento foi *A ilha*, de Fernando Moraes, que retratava Cuba em suas mais diferentes facetas, culturais, sociais e econômicas. O livro deu início a uma coleção batizada de *Repórter Brasileiro*, que teria outros volumes, publicados em formato de bolso, que traria perfis sobre outros países como a antiga União Soviética e a Albânia, entre outros.

O fim da censura não foi responsável só pelo fim da série, mas também pela diminuição do interesse dos leitores por material nacional, assim como dos escritores. Houve uma queda de produtividade significativa, mas, mesmo neste tempo, que pode ser considerado como um hiato na história do livro-reportagem.

(...) a reportagem estava quase desaparecida das páginas dos periódicos. Jornalismo literário... nem pensar. Tinha ficado no passado mais distante a gloriosa era da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*. Profissionais que haviam participado daquele momento criativo da imprensa brasileira estavam sem prestígio nas redações, ou tinham se adaptado à forma convencional, (...). O modelo jornalístico da vez era o da *Folha de São Paulo*, com seu manual de redação ditando textos curtos, impessoais, excessivo apelo aos números, e pouca sensibilidade para os aspectos menos tangíveis da realidade. A tábua de salvação da reportagem era o livro. (LIMA, E. P., 2009: 413, 414)

E, até o início dos anos 2000, com pouquíssimas exceções, os novos autores brasileiros demonstravam pouco ou nenhum interesse em retratar o Brasil. Nas redações, muitos já

⁷ Aqui estamos falando dos repórteres Demócrito Moura, autor do livro “Isto é um assalto”, sobre os malefícios da propaganda de medicamentos; Percival Souza, autor de “A Prisão – Histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo”, sobre a vida dos presos da Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru); entre outros.



sabiam da necessidade de se experimentar novas formas narrativas para recuperar leitores (LIMA, E. P., 2009: 419). E então, contar histórias do real é uma atividade que volta a ganhar força.

2 – Afinal, é ou não é literatura?

2.1 – O início da discussão

A discussão em torno das fronteiras do jornalismo e da literatura é antiga. No Brasil, o pensamento em torno do tema teria começado a ser desenvolvido a partir de 1904, quando o escritor e repórter João do Rio, também conhecido como Paulo Barreto, foi atrás dos principais intelectuais do país a fim de desvendar qual seria a preferência do público em termos literários. A enquete continha cinco perguntas, entre elas a que mais nos interessa: O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?⁸. A pesquisa deu origem ao livro *O momento literário* e o resultado foi um empate técnico entre os que achavam que a atividade jornalística prostituíria o talento literário e os que achavam que trabalhar como jornalista não influenciava o escritor⁹. João do Rio termina o livro dizendo-se convicto de que “(...) positivamente elevava ao auge a confusão de idéias, de biografias, de opiniões, de raivas, de satisfação, com tanto esforço colecionadas.”¹⁰

O trabalho de João do Rio foi a fonte, 100 anos depois, para o livro *Pena de Aluguel*, da Doutora em cultura e comunicação pela UFRJ, Cristiane Costa. Desta vez, a pergunta específica para o jornalismo, se desdobrou em 13¹¹.

Mais uma vez, podemos considerar que houve um empate de opiniões e convicções, segundo os resultados apresentados por Cristiane.

Embora não seja uma pesquisa quantitativa e parta de uma amostragem pequena (...) é possível afirmar que, ao contrário de 1900, o lado positivo de trabalhar na imprensa foi mais lembrado do que o negativo. (...) Dez entrevistados disseram que a atividade na imprensa é positiva para um escritor. Dez afirmaram ser negativa. Um, mais ou menos. Um disse não ter importância. E um não respondeu. A

⁸ Disponível em

http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12693858724598273098435/p0000001.htm#I_2_
acessado em 03/05/2010.

⁹ Disponível em <http://www.penadealuguel.com.br/> acessado em 03/05/2010.

¹⁰ Disponível em

http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12693858724598273098435/p0000001.htm#I_2_
acessado em 03/05/2010.

¹¹ Disponível em <http://www.penadealuguel.com.br/livro/> acessado em 03/05/2010.



possibilidade de viver de escrever foi considerado o principal ponto a favor da imprensa. A falta de tempo e a esterilização da linguagem, os fatores mais prejudiciais.¹²

E, da mesma forma que a sua antecessora, tampouco encerrou o debate.

2.2 – O terceiro gênero

Após a pesquisa de João do Rio, duas outras obras foram bastante importantes no sentido de dar uma direção a que parte do mundo das letras cabia ao jornalismo. A primeira foi o ensaio *Jornalismo e Literatura*, do escritor Antonio Olinto, publicado em 1955. Logo depois, em 1958, o crítico literário e polígrafo, Alceu Amoroso Lima, escreve *O jornalismo como gênero literário*, onde afirma que o jornalismo é um gênero literário. (LIMA, A. *apud* SILVA, M.J.S., 2007: 44)

Tanto o debate, quanto a relação cada vez mais próxima entre o jornalismo e a literatura, acabou por gerar um terceiro gênero. O jornalista, romancista e professor de Pós-graduação em Comunicação da UFF, Felipe Pena, explica: “Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, (...) que também segue pelo caminho da metamorfose” (PENA, F., 2006:21), que é conhecido como jornalismo literário e dentro do qual estariam inseridos os livro-reportagem.

Pena, conceitua o gênero como sendo

Caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. (PENA, F., 2006: 105.)

O jornalismo literário seria tão cheio de subgêneros quanto a própria literatura. Como a Literatura de Não-Ficção, a Literatura da Realidade, e, apresentado em 2001, por Edvaldo Pereira Lima, o *Jornalismo Literário Avançado*, que integra, em síntese, contribuições de distintos campos de conhecimento, alavancando um novo conjunto de paradigmas para a compreensão do real. (LIMA, E.P., 2009: 439.)¹³

¹² Disponível em <http://www.penadealuguel.com.br/livro/> acessado em 03/05/2010.

¹³ O conceito ampliado de *Jornalismo Literário Avançado* é uma proposta organizada em torno da Jornada do Herói e do método da Escrita total (PENA, F. 2006:106.), este aqui descrito é uma síntese menos complicada e suficiente para o trabalho.



Juntos, os três subgêneros citados acima formariam a proposta de utilização proativa, conhecida como Narrativa de Transformação, cujo objetivo é criar

(...) processos narrativos visando contribuir para a transformação da sociedade através da ampliação da consciência das pessoas. Conceitos-chave: a co-criação da realidade, a Teoria dos Campos Morfogenéticos e o pensamento produtivo complexo¹⁴.

Os subgêneros são vastos e os estudos sobre o tema, as definições e obras que advêm deles, estão disponíveis para serem usadas a gosto do freguês, ou melhor dizendo, leitor.

3 – A análise de um livro-reportagem

Para este fim, usaremos os aspectos definidos por Edvaldo Pereira Lima, no primeiro capítulo, para que um livro possa ser considerado um livro-reportagem, assim como os quesitos pertinentes, de acordo com Felipe Pena, no segundo capítulo, para que seja considerado parte do jornalismo literário.

A base desta análise será o livro *Rota 66 – A história da polícia que mata*, do jornalista Caco Barcellos. Lançado em 1992¹⁵, o livro parte das origens da criação de um sistema mortal de extermínio, demonstra seus métodos, desvenda sua consciência¹⁶, onde

(...) o repórter investigativo destrincha a rotina de mortes com um critério bem peculiar praticado pelos homens das Rondas Extensivas Tobias Aguiar, a Rota da polícia de São Paulo, que se tornou conhecida pelas execuções sumárias e pela corrupção. (JUNIOR, J.P., 2004: 83.)

Foi ganhador do Prêmio Jabuti¹⁷ de 1993¹⁸ na categoria Livro do Ano de Não-Ficção¹⁹, de oito prêmios de direitos humanos e escolhido por pertencer a um dos gêneros mais conhecidos no Brasil: o livro-reportagem-denúncia.

¹⁴ Disponível em <http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=> acessado em 07/05/2010.

¹⁵ Disponível em <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/cultura/dquint/cultura2.htm> acessado em 15/05/2010.

¹⁶ Disponível em http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=20474 acessado em 16/05/2010.

¹⁷ A mais importante premiação literária do país. Este ano terá sua 52ª edição.

¹⁸ Disponível em <http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/edicoes-anteriores/premio-1993.aspx> acessado em 16/05/2010.

¹⁹ Caco Barcellos foi novamente ganhador nesta mesma categoria em 2004, com o livro “Abusado”. Disponível em <http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/edicoes-anteriores/premio-2004.aspx> acessado em 16/05/2010.



3.1 – Características típicas do livro-reportagem

Como vimos no primeiro capítulo, um livro-reportagem, distingue-se dos demais devido a três características: conteúdo, tratamento e função.

É a partir de acontecimentos reais que começa a narrativa de *Rota 66*. Em dois dos primeiros sete capítulos, Barcellos conta dois casos de abusos por parte de policiais. Mas, é a história da perseguição e morte de três jovens “ricos” pelos policiais da Rota, que ocupa cinco destes sete capítulos e causa tanta estranheza que desperta o interesse do repórter.

Meu objetivo, ao iniciar a pesquisa, é conhecer o perfil das vítimas e as circunstâncias em que elas são mortas pela Polícia Militar. (...) Minha pretensão é a de examinar todos os casos registrados como tiroteio desde o 9 de abril de 1970, quando houve a fusão da Polícia Civil e da Força Pública, para a criação da Polícia Militar de São Paulo. (BARCELLOS, C., 2006: 87,88.)

O tratamento pode ser entendido como o conjunto formado pela linguagem, montagem e edição de texto de caráter eminentemente jornalístico (LIMA, E.P., 2009: 27).

Ao analisar *Rota 66*, (...) podemos observar que se destaca a linguagem coloquial, simples e objetiva. Frases curtas e muita informação, justificada e ratificada com dados, assim como em uma reportagem investigativa. (...) O narrador (...) é onisciente, ele está fora da história, mas penetra no mundo interior das personagens, conhece os sentimentos e os reproduz na narrativa. Porém, mescla alguns trechos autobiográficos. (RODRIGUES, L.V., 2006: 90, 92.)

Na montagem do livro, a opção foi por uma narrativa não-linear, quebrada e misturada a fatos isolados, perfis de policiais, e a narração da própria investigação e descoberta de dados (RODRIGUES, L.V., 2006: 93.), em capítulos mesclados, numa história não contínua.

Em termos de edição de texto, podemos exemplificar com as citações a matérias de jornais ou documentos como laudos de legistas e boletins de ocorrência, entre outros pesquisados, onde Barcellos menciona apenas os trechos que considerou mais relevantes.

Passamos, então, à terceira característica: a função do livro-reportagem.

Essencialmente, ela seria a mesma do jornalismo propriamente dito, ou seja, informar e orientar.



No último capítulo do livro (BARCELLOS, C., 2006: 327.), Barcellos reitera seus objetivos de denunciar a ação de matadores oficiais contra civis quando começou a fazer o livro, diz-se surpreendido com os resultados alcançados e o finaliza de forma otimista, comprovada por outros autores,

Após ler *Rota 66*, pudemos conhecer mais a fundo alguns métodos arbitrários de ações da Polícia Militar de São Paulo, antes nunca revelados na imprensa. Com isso, a Polícia, que nunca era investigada, passou a ser e a sociedade adquiriu um embasamento maior para questionar e reivindicar justiça. (RODRIGUES, L.V., 2006: 120.)

o que nos leva a entender que tanto seus objetivos, quanto sua função como livro-reportagem foram cumpridos e bem apresentados.

3.2 – Características típicas do jornalismo literário

Felipe Pena, em seu livro *Jornalismo Literário*, diz que o jornalismo literário é uma das alternativas (PENA, F., 2006: 13.) à qual jornalistas sérios, comprometidos com a sociedade e com espaço reduzido pela mídia costumam recorrer.

Segundo Pena, existem sete itens imprescindíveis ao jornalismo literário, o que ele chama de estrela de sete pontas (PENA, F., 2006: 13.).

O primeiro destes itens seria a potencialização dos recursos que o jornalismo oferece ao jornalista propriamente dito.

Em *Rota 66*, o trabalho de pesquisa e apuração dos fatos relatados por Barcellos contou com a ajuda de 12 colaboradores, entre repórteres especiais e digitadores, essenciais ao texto final do livro. A narrativa é mais solta, mas os padrões jornalísticos permanecem e são claramente perceptíveis quando o autor nos passa, por exemplo, informações relativas ao andamento de seu trabalho: ao mesmo tempo em que conta uma história, apresenta números, dados ao leitor.

A “segunda ponta” desta estrela diria respeito a ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos. O jornalista não está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. (PENA, F., 2006: 14.)



Essa não existência de *deadline*, foi um fator crucial para o resultado final do livro. Em condições “normais” de trabalho, Barcellos não poderia dispor dos sete anos de pesquisas que levou até chegar ao resultado final²⁰.

O terceiro fator seria proporcionar uma visão mais ampla da realidade. Para Pena, (...) é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em espaço temporal de longa duração (PENA, F., 2006: 14.). E, mais uma vez, o autor assim faz.

O saldo de 7.500 vítimas da Polícia Militar supera o volume de mortos e feridos em centenas de levantes armados, revoluções e guerras históricas. Supera o número de soldados brasileiros mortos na Segunda Guerra Mundial (454); as vítimas da Guerra dos Farrapos (1.000) (...). Tentei classificar a posição da guerra da PM contra os suspeitos civis em relação às baixas das guerras mais importantes do passado. Consultei vários historiadores. (...) Pela regra de proporção de quatro por um, significa que o número de feridos deve ter sido 16 mil e o de mortos perto de 4 mil, bem menos portanto dos que os policiais militares já mataram em São Paulo. (BARCELLOS, C., 2006: 167, 168.)

Em quarto lugar, o jornalista que enveredar pelos caminhos do jornalismo literário, deveria exercitar sua cidadania. Escolher um tema que contribua para a formação do cidadão, para o bem comum (PENA, F., 2006:14.). No caso de Barcellos, a indignação com a violência policial foi a grande mola propulsora para a realização do livro.

Como quinto aspecto, Pena diz que o jornalismo literário deve romper as correntes do *lead*. O primeiro parágrafo de *Rota 66* passa longe de responder às tais questões impostas ao jornalismo impresso, parece-se com o início de um romance policial de ficção comum:

A Veraneio cinza nunca esteve tão perto. A 200, 300 metros, 15 segundos: a sirene parece o ruído de um monstro enfurecido. Os faróis piscam sem parar. O farolete portátil de 5 mil watts lança luzes no retrovisor de todos os carros à frente. Os motoristas, assustados, abrem caminho com dificuldade por causa do trânsito movimentado nesta madrugada de quarta-feira, no Jardim América. A Veraneio, com manobras bruscas, vai chegando perto, cada vez mais perto dos três homens do Fusca azul. Eles estão na Maestro Chiafarelli e tem à frente uma parede de automóveis à espera do sinal verde para o cruzamento da avenida Brasil. (BARCELLOS, C., 2006: 15.)

²⁰ Disponível em <http://www.maiscascavel.com.br/news.php?news=2385> acessado em 20/05/2010.



As perguntas que o repórter obrigatoriamente teria que responder no *lead*, ao invés de serem respondidas neste primeiro parágrafo, vão sendo respondidas aos poucos, ao longo dos cinco capítulos que esta história ocupa. O mesmo vai acontecer com todos os outros casos relatados ao longo das 350 páginas do livro.

Em sexto lugar, Pena diz que o jornalista literário deve evitar os definidores primários. Justamente por querer desvendar as versões oficiais dos homicídios investigados, que lhe causavam estranheza, Barcellos procurou o lado não oficial da história e relatou no livro seus encontros com personagens não oficiais, como os familiares e amigos das vítimas.

E, finalmente, chegamos ao último item: a perenidade. Segundo Pena, uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. (PENA, F., 2006: 15.)

Assim, podemos concluir que a estrela sugerida por Pena, em *Rota 66*, tem todas as sete pontas.

Conclusão

Ao escrever este trabalho, quatro momentos distintos chamaram a atenção.

Na fase da pesquisa, veio o fascínio de descobrir toda uma história.

Num segundo momento, veio a descoberta de que havia uma longa discussão, e, visto que, se intelectuais e grandes teóricos, não conseguem chegar a um acordo válido, acredito que ambas estão muito longe de um fim.

Então, a percepção de que o tema – o livro-reportagem – é um grande desconhecido.

Por último, a descoberta da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro²¹, que apontava que 66% dos livros (de forma geral) encontram-se nas mãos de estão nas mãos de apenas 20% da população, ao passo que 8% dela não têm nenhum livro em casa, causou uma enorme tristeza.

Estes quatro momentos levaram a duas conclusões:

A primeira é que existe muito ainda a ser descoberto, e que, livros corajosos como *Rota 66*, devem continuar sendo produzidos e presenteados aos leitores.

A segunda, é que quem pode ler e produzir artigos e livros no Brasil, deve se sentir privilegiado. Ler deve ser fonte de orgulho, além de sabedoria.

²¹ Disponível em <http://www.funarte.gov.br/porta1/2010/01/11/publicacao-da-segunda-edicao-da-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/> acessado em 24/05/2010.



As prateleiras do mundo escondem coisas incríveis e matérias que podem mudar as nossas vidas, independentes de a que gênero possam pertencer.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, C. **Rota 66 - A Historia da Policia que Mata**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CARVALHO, B. **Nove Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CASTRO, G. **A palavra compartilhada**. In CASTRO, G e GALENO, A. Organização. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CASTRO, G. e GALENO, A. – Organização. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSSON, R. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COSTA, C. **Pena de aluguel: Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GARCIA, L. - Organização. **Manual de Redação e Estilo do O Globo**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Editora Manole, 2008.

MENDEL, M.A.V. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In CASTRO, G e GALENO, A. Organização. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RABAÇA, C.A. e BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

VENTURA, Z. **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ABJL – Academia Brasileira de Jornalismo Literário - <http://www.abjl.org.br/>.

CALAFIORI, M. **A Sangue Quente**. Disponível em <http://sites.unisanta.br/faac/espaco/asanguequente.html>.

Companhia das Letras - em <http://www.companhiadasletras.com.br/>.

COSTA, C. - <http://www.penadealuguel.com.br/>.



CZARNOBAI, A. F. P. **Gonzo – o filho bastardo do new journalism**. Disponível em <http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo01.html>.

Dicionário Michaelis - em <http://michaelis.uol.com.br/>.

DO RIO, J. **O momento literário**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com>.

FARO, J.S. **Revista Realidade: 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Disponível em <http://books.google.com.br/books>.

Funarte - <http://www.funarte.gov.br/portal/>.

Grupo Editorial Record - <http://www.record.com.br/default.asp>.

JUNIOR, J.P. **A Reportagem na tv: Caco Barcellos: um repórter e a injustiça social**. - http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=61.

Mais Cascavel - <http://www.maiscascavel.com.br/news.php?news=1>.

MOURA, F. **A trama traiçoeira de “Nove Noites”**. Disponível em <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1586,1.shl>.

O Livreiro - <http://www.olivreiro.com.br/>.

Prêmio Jabuti - <http://www.cbl.org.br/jabuti/>.

Revista Eletrônica Zoom - <http://www.integral.br/zoom/capa.asp>.

RIZZIOLLI, L. **Perseguição contínua**. Resenha disponível em <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/cultura/dquint/cultura2.htm>.

RODRIGUES, L.V. **A Literatura do fato**. Juiz de Fora: 2006. Disponível em www.bdt.d.ufjf.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6.

SANTOS, R. **Um aliado ao interesse público**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=542FDS003>.

SILVA, M.J.S. **Jornalismo e Literatura – Uma relação possível**. Disponível em http://biblioteca.ucpel.tche.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13.

VIANNA, L.F. **Zuenir Ventura revê 68 olhando para o presente**. Resenha publicada no jornal Folha de São Paulo em 26/04/2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/foalha/ilustrada/ult90u395945>